

# Suplicy pisa no calo de suplentes

RENATA GIRALDI

Um ato simples e corriqueiro do senador Eduardo Suplicy (PT/SP) provocou ontem uma rebelião no plenário do Senado. Ao apresentar projeto de lei propondo eleições diretas para os suplentes e o fim da convocação automática, Suplicy desencadeou uma guerra de ânimos entre os parlamentares presentes. Já que, por ironia, o senador paulista apresentou o projeto justamente para o alvo das discussões — os suplentes. A maioria dos que ouvia Eduardo Suplicy cumpre seus mandatos substituindo os titulares. O assunto foi resumido no melhor estilo do senador, também suplente, Áureo Mello (PRN-AM). “Nobre senador, quero ressaltar que o senhor está falando de corda em casa de enforcado”, lembrou. Dos 81 senadores, atualmente 22 são suplentes, entre eles substitutos de ministros e de parlamentares que pediram licença do cargo, inclusive o presidente Fernando Henrique Cardoso.

“É bala perdida”, comentou o senador Odacyr Soares (PFL-RR) sobre o projeto de Eduardo Suplicy, em meio aos apartes e opiniões paralelas que surgiram duran-

te a apresentação do senador paulista. Nervosos, os suplentes reagiram a cada palavra de Suplicy, ora apelando para os gastos que o projeto provocaria, ora destacando as afinidades “naturais” que os titulares têm com os seus substitutos. As dificuldades ultrapassadas pelos suplentes para assumirem suas vagas também foram lembradas. “Tive de enfrentar uma eleição direta na convenção do partido, o que não foi fácil”, recordou Eva Blay (PSDB-SP), suplente do presidente Fernando Henrique.

**Argumentos** — “Através das eleições suplentes passariam a representar a população e não os partidos”, tentava explicar Suplicy, sem êxito. De acordo com o projeto apresentado por ele, os suplentes seriam eleitos, da mesma forma que os senadores, obedecendo ao princípio majoritário, considerando os mais votados sob a mesma legenda e não os eleitos efetivos das listas dos respectivos partidos. Em caso de empate, conta-se a ordem decrescente de idade. Mas as argumentações de Eduardo Suplicy não foram suficientes para convencer os seus colegas substitutos. “Esse projeto acarretará um aumento considerável nas despesas de campa-

nya”, reagia Joaquim Beato (PSDB-ES).

Suplicy tentava justificar a utilidade da sua proposta, mas foi interrompido. “Em geral os titulares têm em seus suplentes amigos e confidentes e vice-versa”, explicou Áureo Mello. O que o senador paulista também se deu por convencido. “É verdade, tem havido muita afinidade entre titulares e seus suplentes”, afirmou Suplicy.

Mas a mágoa dos substitutos não foi acalentada com o conforto da afinidade descrita por Suplicy. Eles queriam explicações do parlamentar por acreditarem que o projeto está sendo proposto ao questionar sobre o desempenho dos suplentes no Congresso. “Gostaria de saber do nobre senador, se há dúvidas sobre o comportamento parlamentar dos suplentes?”, indagou Jacques Silva (PMDB-GO). Suplicy, de pronto, adiantou-se afirmando que não havia dúvidas sobre a competência de seus colegas. Justificativa que não convenceu a todos os presentes, já que as discussões só foram interrompidas, por ordem do presidente do Senado Humberto Lucena (PMDB-PB) que queria dar início à votação sobre o Banco Central.